

O NOVO HUMANISMO – FRANTZ FANON E A LUTA ANTICOLONIAL

THE NEW HUMANISM – FRANTZ FANON AND THE ANTI-COLONIAL STRUGGLE

*Susana de Castro*¹

Resumo:

O presente artigo almeja mostrar a contemporaneidade do pensamento descolonial de Frantz Fanon, sua relevância para a crítica a colonialidade. A Guerra da Argélia serviu de mote para Fanon refletir sobre as etapas de descolonização, a maneira como o colonizado só se liberta da letargia, da contemplação de seu corpo violentado e silenciado pelo ciclo de brutalidade colonial, quando autoconstitui-se como sujeito de um processo histórico pela ação.

Palavras-chave: Descolonização; Violência; Colonialismo; Terceiro mundo.

Abstract:

This paper aims to show the contemporaneity of Frantz Fanon's decolonial thought and its relevance to the critique of coloniality. The Algerian War served as a motto for Fanon to reflect on the stages of decolonization, the way in which the colonized are only freed from lethargy, from the contemplation of their body violated and silenced by the cycle of colonial brutality, when they constitute themselves as subjects of a historical process through action.

Keywords: Decolonization; Violence; Colonialism; Third world.



¹ Professora Titular do departamento de Filosofia da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF/UFRJ). Email: susanadec@gmail.com

*O colonialismo não é uma máquina de pensar,
não é um corpo dotado de razão.
É a violência me estado puro, e só se curvará diante de uma
violência maior
(Frantz Fanon)*

De 18 a 24 de abril de 1955, 23 países asiáticos e 6 africanos reuniram-se em Bandung, na Indonésia. Durante a conferência intercontinental de Bandung os temas de maior destaque foram colonialismo, imperialismo, independências nacionais e terceiro mundo. Estes são os temas marcam inúmeros pensadores do pós-guerra, entre eles, Frantz Fanon (1925-1961): “O Pan-africanismo anti-imperialista por ele defendido encontrou eco especial em um terceiro-mundismo anticolonial que se estruturava a partir do espírito da Conferência de Bandung.” (FAUSTINO, 2021, p. 9). Particularmente seu último livro, *Os Condenados da Terra*, prefaciado à época por Jean-Paul Sartre, e publicado dois meses antes de sua morte em dezembro de 1961, lhe reservou um lugar de proeminência entre a esquerda revolucionária e terceiro mundista. Inspirado por sua experiência na guerra da Argélia quando colaborou com a Frente de Libertação Nacional (FLN), Fanon senta as bases do significado social e político de uma libertação nacional, ou como ele também diz, a restituição de uma nação ao seu povo, a descolonização.

Oriundo da Martinica, departamento ultramarino insular francês no Caribe, Fanon sabia muito bem por experiência própria, como relata em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, o que significava viver em uma país controlado por uma potência estrangeira. Em três momentos distintos se depara com a violência racista colonial, conforme relata: quando durante a ocupação alemã na França, a ilha é ocupada por soldados franceses que se comportam como se a ilha lhes pertencesse; quando serve no exército francês na África e se dá conta do tratamento diferenciado que os Senegalês recebiam por serem africanos; e, por fim, o racismo europeu quando chega em Paris para estudar odontologia (depois irá estudar psiquiatria em Lyon, desiludido com o ambiente hostil da capital) e percebe que apesar de falar francês e ter sido educado para acreditar que era uma francês como qualquer outro, na verdade ele era um ‘negro’.

A Guerra da Argélia durou 7 anos, de 1954 até a sua independência da França em 1962. Com a independência, a FLN foi renomeada em Governo Provisório da República da Argélia. A FLN só recorreu à política de armas e ao terrorismo para expulsar os colonizadores franceses após sucessivos fracassos políticos pelas vias democráticas: “todas as tentativas legais de participação argelina na política instituída foram recebidas com violência pelo governo francês.” (FAUSTINO, 2021, p. 15) Fanon atuava como médico-chefe do hospital psiquiátrico argelino Blida-Joinville quando a guerra eclodiu em 1º de novembro. Tendo em obra anterior conclamado por uma “reestruturação do mundo” (2020, p. 95), a vida lhe trouxe então a oportunidade com a Guerra da Argélia de participar efetivamente nessa mudança. Tratava-se de enfim alcançar a cura social para as feridas psíquicas engendradas pelo colonialismo! Fanon tomou diretamente partido do processo em curso, convertendo-se progressivamente em intelectual orgânico da Revolução Argelina. Através de artigos publicados regularmente no jornal *El Moudjahid*, publicados no livro *Escritos Políticos* (2021), Fanon e demais jornalistas buscavam afirmar um nacionalismo secular e humanista no contexto de uma revolução calcada na identidade mulçumana (FAUSTINO, 2021, p. 14).

Sua origem caribenha e sua experiência colonial marcam a meu ver seu compromisso também com a luta pela descolonização das Américas e do Caribe. No meu entendimento há um erro quando se separa pós-colonialismo de decolonialismo. Apesar de grupo modernidade/colonialidade, constituído, entre outros, por Aníbal Quijano, Walter Mignolo e Enrique Dussel, terem pertencido ao grupo de estudos subalternos que congregava intelectuais de várias ex-colônias interessados em discutir as bases culturais da exploração capitalista no mundo a partir do conceito gramsciano de 'subalternidade', na concepção desses autores a colonização europeia nas Américas possuía uma particularidade que a distingue das colonizações asiáticas e africanas, ela foi o primeiro experimento de divisão internacional do trabalho pelo conceito de raça. Por isso, na década de 1990 formaram uma dissidência dos estudos dos subalternos, o grupo modernidade/colonialidade (BALLESTRIN, 2013). No entendimento destes autores, não teria havido modernidade nem capitalismo sem a colonização das Américas e a escravidão de indígenas e africanos. Penso, porém, que em seus escritos, Fanon já denunciava aquilo que Aníbal Quijano irá chamar de 'colonialidade do poder'. Espero que ao longo da leitura desse trabalho fique patente ao leitor que o martinicano mostrou claramente que o racismo é uma herança do colonialismo, e que a ideologia da superioridade do europeu fazia parte de um projeto mundial de poder capitalista. Além disso, no que se segue procurarei mostrar, seguindo Deivison Faustino (2021), que as principais obras de Frantz Fanon, *Pele Negra*, *Máscaras Brancas* (1952) e *Os Condenados da Terra* (1961), devem ser lidos conjuntamente, como livros que abordam um mesmo projeto, a construção de um novo humanismo. Além disso, procurarei mostrar também porque a conclusão de H. Arendt (1970) de que a violência não tem uma centralidade no pensamento de Fanon como afirma Sartre (2020), é equivocada.

A unidade do projeto Fanoniano de descolonização

Para Cedric Robinson haveríamos de distinguir entre um jovem Fanon, um "pequeno-burguês fenomenológico", em *Pele negra, máscaras brancas* e um Fanon "maduro" e "revolucionário", em *Os Condenados da Terra* (ROBINSON, 1993 apud FAUSTINO, 2021, p. 10). Para Faustino (2021), ao contrário, *Os Condenados* é a apresentação da solução concreta para os problemas psíquicos engendrados pelo colonialismo tal qual estes são apresentados no *Pele Negra*. Neste, o jovem psiquiatra em formação diagnosticava a obstrução colonial do reconhecimento do negro como parte da humanidade, assim como seus efeitos psíquicos e entranhados na sociabilidade moderna. No *Os Condenados*, as mesmas preocupações estão presentes, com a diferença de que com a eclosão das lutas de libertação, estas ofereciam o tratamento e a cura para as doenças psíquicas provocadas pelo colonialismo (FAUSTINO, 2021, p. 13).

A terceira parte do *Os Condenados* é exclusivamente dedicada ao relato dos casos de distúrbios mentais ocasionados pela guerra colonial. Os relatos dizem respeito tanto às sequelas psíquicas de argelinos torturados, quanto de franceses torturadores. A guerra afetava a todos. Em dezembro 1956, após romper oficialmente em carta aberta ao ministro residente da administração francesa na Argélia, denunciando as condições estruturais de sofrimento psíquico causadas pelo colonialismo, Fanon é expulso da Argélia e se exila no ano seguinte com sua família na Tunísia (FAUSTINO, 2021, p. 16, nota 24). Em um trecho da carta afirma:

“Se a psiquiatria é a técnica médica que se propõe permitir ao homem deixar de ser estranho ao que o rodeia, devo afirmar que o Árabe, alienado permanentemente no seu país, vive num estado de despersonalização absoluta.” (FANON, 1908, p. 58 *apud* FAUSTINO, 2015, p. 42)

Concordo com Deivison Faustino, não há uma separação teórica entre um Fanon jovem e um Fanon maduro. *Os Condenados* é a possibilidade concreta da saída para a desumanização psicológica provocada pelo racismo: identificar-se com o opressor e depois descobrir-se rejeitado por não ser igual a ele, relatada no *Pele Negra*. Estando no lugar certo e na hora certa, Fanon pode construir seu novo humanismo a partir da experiência concreta da revolução argelina da qual foi testemunho e partícipe.

Em *Pele Negra* Fanon identificava a causa do mal-estar que um negro caribenho, que como ele chegava na França para estudar sentia ao perceber que apesar de ter sido educado para acreditar que era francês como qualquer outro, sua cor de pele o diferenciava dos ‘verdadeiros’ franceses. Seu status era de colonizado, isto é, aquele cuja cultura e sociedade sucumbiu ao poder econômico, político e cultural do europeu superior, os colonizadores. Em sua primeira página, anunciava a necessidade de um novo humanismo, pois o “negro não é um homem”. A situação do negro caribenho, assim como de todo habitante do Terceiro Mundo subdesenvolvido, e dos habitantes de países colonizados é a mesma: na perspectiva europeia são todos cidadãos de segunda classe, ou sub-humanos. A alienação do negro reside no fato de ele querer ser branco. Para Fanon, a desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais, pois não se trata de uma questão individual (2020, p. 25). O epidermização da inferioridade racial é fruto de um processo histórico e social, chamado por Fanon de ‘sociogênese’. Neste sentido, não adianta o indivíduo se tratar isoladamente, se a sociedade não mudar, pois é a sociedade racista e colonialista que produz a desumanização de corpos não brancos, ou não europeus.

Fanon é claramente um dos precursores do decolonialismo. Seus textos apontam o colonialismo e o imperialismo como responsáveis diretos do preconceito racial. Assim, seu diagnóstico é claro, não se trata de basear-se mais no padrão de humanismo europeu e buscar a humanização dos negros, indígenas, amarelos, ou seja, mostrar o quanto todos são dignos de partilhar da humanidade europeia, construída em torno de valores morais universais, mas sim de fundar uma nova humanidade, uma nova sociedade. Por não conseguir manter sua dominação nos países coloniais, a burguesia colonialista resolveu apoiar sua dominação no campo da cultura dos valores morais, das técnicas etc. A ‘dignidade’ é certamente um valor importante em todas as sociedades, mas a dignidade para o colonizado é a dignidade da terra, que garante o alimento, não é a dignidade da ‘pessoa humana’. Como mostra Fanon, não sem bastante ironia, o povo colonizado nunca ouviu falar nessa pessoa humana ideal (FANON, 2022, p. 41) Outro valor ocidental totalmente alheio ao povo colonizado é a ideia, enfiada em sua cabeça a ‘golpes de pilão’, de que uma sociedade deve ser constituída de indivíduos. O individualismo, a ideia segundo a qual “cada um se fecha em sua subjetividade e onde a riqueza é a riqueza do pensamento”, é uma falsa teoria, diz Fanon (2022, p. 44). Afinal não é à toa que as formas de organização da luta pela libertação nacional utilizem-se de um vocabulário próprio como ‘camarada’, ‘irmão’ e ‘irmã’. O fato de não serem irmãos de sangue, não os impede de serem irmãos na luta. A luta é coletiva.

Acontece que, durante a luta de libertação, no momento em que o colonizado reestabelece contato com seu povo, essa sentinela artificial [encarregada de defender o alicerce greco-latino] vira pó. Todos os valores mediterrâneos, triunfo da pessoa humana, da clareza e do belo, tornam-se bibelôs sem vida e sem cor. (FANON, 2022, p. 43)

O intelectual colonizado, atomizado pela cultura colonialista, passa por uma profunda transformação ao entrar em contato com as assembleias nos vilarejos, com as comissões do povo, com as reuniões de bairro e de célula; todos os seus ídolos, tais como o egoísmo, a estupidez infantil de quem quer ter sempre a última palavra são destruídos. Não há uma voz cujo interesse se sobreponha ao interesse dos demais, pois ou todos são salvos, ou todos serão massacrados (FANON, 2022, p. 44).

A violência revolucionária

Hannah Arendt (1970, p. 12-13) afirma que em seu prefácio ao **Os Condenados**, Sartre teria ido muito mais longe do que Fanon em sua glorificação da violência revolucionária. Além disso, critica o vínculo com o marxismo do existencialismo sartriano, uma vez que para Marx o que desaliena e desobjetifica o homem é o trabalho, não a violência. O homem produz a si próprio através do trabalho.

Ao contrário de Arendt, acredito que Fanon deixa bem claro que o processo revolucionário é necessariamente um processo violento. Além disso, Fanon deixa claro que as categorias marxistas de análise da exploração não serviam completamente para descrever a situação colonial: “As análises marxistas devem ser ligeiramente flexibilizadas a cada vez que se aborda o problema colonial” (FANON, 2022, p. 36).

Nas colônias, a diferença econômica não é a única base da divisão social, mas também o fato de se pertencer a determinada espécie, determinada raça. Neste sentido, diz Fanon, nas colônias a infraestrutura econômica é também uma superestrutura. Riqueza (infraestrutura) e branquitude (superestrutura) atuam concomitantemente: “a pessoa é rica porque é branca, é branca porque é rica”. Para o marxismo a causa da exploração é sempre econômica; nessa perspectiva, a divisão racial seria consequência da divisão econômica. Para Fanon, essa análise não serve para as colônias porque a divisão racial é também causa da divisão econômica. “Não são nem as fábricas, nem as propriedades, nem a conta bancária que primeiro caracterizam a “classe dirigente”. A espécie dirigente é antes de tudo aquela que vem de fora, aquela que não se parece com os autóctones, “os outros””. (FANON, 2022, p. 37). Os colonos ao invadir outros países criam imediatamente uma cisão, uma divisão entre eles e os locais. É por essa razão que Fanon diz que o mundo colonial é um mundo ‘compartimentado’, ou seja, um mundo dividido em dois; bairros para nativos e bairros para europeus; escolas para nativos e escolas para europeus.

É evidente que as condições materiais das escolas para europeus assim como seus bairros são infinitamente superiores as condições materiais dos bairros, moradia e escolas nativas. A diferença é gritante. Em um, passa-se fome e não se tem o que calçar, enquanto no outro, são servidos banquetes e os pés só ficam a mostra quando se entra no mar. A fronteira entre os dois territórios da cidade dividida é ocupada por quartéis e delegacias de polícia. O policial é o porta voz do

colono. Cabe ao policial e ao soldado garantirem que o colonizado não irá ultrapassar as fronteiras entre os dois territórios, circular nos bairros arrumados e cheios de mansões, invejoso do luxo e do conforto em que vive o colono e sua família. O policial mantém através do uso da força e da violência o colonizado longe do colono. Com a linguagem de pura violência, o intermediário entre o colonizado e o colono, isto é, o policial, ‘aconselha’ através de bombas e coronhadas ao colonizado a ficar quieto. “O intermediário leva a violência para dentro das casas e do cérebro do colonizado” (FANON, 2022, p. 34) Para Fanon, ao contrário do que afirma Arendt, o colono só entende a linguagem da violência, por isso nenhum acordo é possível. A luta armada é a única forma de expulsar os invasores. O maniqueísmo que manteve a sociedade colonial dividida e compartimentada mantém-se durante o processo de descolonização: “isso porque o colono nunca deixa de ser o inimigo, o antagonista, mais precisamente, o homem a ser eliminado” (FANON, 2022, p. 47).

A violência revolucionária da luta pela libertação nacional não é uma prerrogativa dos colonizados, não são eles os violentos como dá a entender Arendt. Afinal a violência entrou no território colonizado trazida pelo colono. “Nas colônias, o estrangeiro vindo de fora impôs-se por meio de seus canhões e de suas máquinas.” (FANON, 2022, p. 37). A violência não foi apenas física. A construção do arranjo colonial, com a divisão central entre colonos e colonizados, necessitou para sua efetivação de destruir as formas sociais locais, demolir os sistemas de referência da economia, os modos de aparência, de vestuário. A violência colonial atinge o próprio ser dos nativos, transformando-os em espectadores esmagados pela inessencialidade. O colonizado é fruto do colono, ou seja, “o colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial” (FANON, 2022, 12). Não há, portanto, escapatória; somente através da violência absoluta, poderão os “últimos serem os primeiros”. Para o colonizado, que testemunha desde a infância a violência policial, está claro que aquele mundo repleto de proibições só pode ser reformado pela violência. Já que o colonialismo é a violência em estado puro, ele só se curvara diante de uma violência maior; o colonialismo só cederá com “uma faca na garganta”. (FANON, 2022, p. 57-58).

Diferente do negro alienado que quer ser branco, o colonizado sempre soube quem era o seu inimigo, aquele que lhe impedia de ser um ator privilegiado de sua própria história, ainda que a violência colonial o tenha petrificado e feito com que introjetasse um complexo de inferioridade. “O trabalho do colono é tornar impossíveis quaisquer sonhos de liberdade do colonizado. O trabalho do colonizado é imaginar todas as combinações eventuais de aniquilar o colono.” (FANON, 202, p. 87). Ao testemunhar a Guerra da Argélia, Fanon compreendeu que a descolonização da mente, do ser, passava necessariamente por um programa de desordem absoluta, a substituição de uma ‘espécie’ de homens por outra ‘espécie’ de homens. A descolonização é, portanto, necessariamente um processo violento porque não há vida possível para um, o colonizado, enquanto o outro existir, o colono. É preciso destruir o mundo colonial, isto é, acabar com a fronteira e a divisão da cidade compartimentada em duas zonas absolutamente separadas. Essa mudança não ocorreria de modo pacífico, justamente porque os interesses entre os dois grupos são completamente antagônicos. Não há como propor um acordo amigável a partir de ideias abstratas, como ‘dignidade’, ‘igualdade’, ‘justiça’ etc. A descolonização como processo histórico traz a cena atores que sempre estiveram à margem da história, contada a partir do ponto de vista do colono. “O colonizado, de

metralhadora em punho, se defronta enfim com as únicas forças que negavam seu ser: as do colonialismo”. (FANON, 2022, p. 55) Uma vez que a aparição do colono significou a morte da sociedade autóctone, “para o colonizado a vida só pode surgir do cadáver em decomposição do colono”. (FANON, 2022, p. 88) Petrificados pela violência policial que lhes tolhe o movimento e a liberdade, somente a violência dirigida contra o colono é capaz de desintoxicar o colonizado de seu complexo de inferioridade. A violência reabilita-o a seus próprios olhos. (FANON, 2022, p. 89)

Aqui percebemos a forte influência da *A Vontade de Poder* de Nietzsche no pensamento político de Fanon. O colonizado precisa resgatar com suas mãos a sua liberdade roubada pelo colono. O novo humanismo depende, portanto, de que todos os colonizados, terceiro mundistas, enfim todos oprimidos pelo sistema capitalista colonial virem a mesa e ajam, como já mostrava Fanon em *Pele Negra*:

O comportamento do homem não é apenas reativo. E sempre há ressentimento em uma reação. Nietzsche já havia indicado em *A Vontade de Poder*. Levar o homem a ser acional, preservando em sua circularidade aos valores fundamentais que fazem um mundo humano, essa é a principal urgência daquele que, depois de ter refletido, prepara-se para agir. (FANON, 2020, p. 232).

Seguindo Fanon, Elsa Dorlin mostra que já que a violência colonial possui um efeito paralisante, petrificante, que inibe o colonizado, é nas brechas da brutalidade colonial, quando esta vacila por um momento, que aquele que não chega a ser um sujeito explode. O colonizado se liberta e se torna sujeito através da ação extática de auto-defesa. A violência conduz o colonizado para fora de si, e assim liberta-o da paralisia e petrificação em que se encontrava (DORLIN, 2020, p. 53-54): “seu olhar não me fulmina mais, não me imobiliza mais, sua voz não mais me petrifica. Não me altero mais em sua presença. Na prática, eu o irrito.” (FANON, 2022, p. 42)

É importante ressaltar o caráter de auto-defesa da violência revolucionária, pois não se trata de uma violência aleatória e gratuita, mas sim uma contra-violência: “a violência do regime colonial e a contraviolência do colonizado se equilibram e se respondem numa homogeneidade recíproca extraordinária.” (FANON, 2022, p. 85)

Para Fanon está absolutamente claro que a colonização e a divisão compartimentada da sociedade com sua ‘fronteira’ entre as duas partes da cidade protegida pela polícia e o exército, trouxe a petrificação dos indivíduos e a letargia cultural para os povos colonizados. Assim, somente a violência pode desintoxicar o colonizado de seu complexo de inferioridade, reabilitando-o a seus próprios olhos (2022, p. 88-89).

Conclusão: a luta de libertação hoje

Para Fanon não há nenhuma dúvida de que os europeus tenham atingido um alto estágio de desenvolvimento e riqueza as custas da exploração colonial:

Essa opulência europeia é literalmente escandalosa, pois foi construída sobre as costas dos escravos, nutriu-se do sangue dos escravos, provém em linha direta do solo e do subsolo desse mundo subdesenvolvido. O bem-estar e o progresso da Europa foram edificados com o suor e os cadáveres dos negros, dos árabes, dos índios e dos amarelos. Isso nós decidimos nunca mais esquecer. (2022, p.

92)

Os países subdesenvolvidos do Terceiro Mundo herdam a herança maldita do colonialismo e da dependência. “A Europa é literalmente a criação do Terceiro Mundo. As riquezas que a sufocam são as que forma roubadas dos povos subdesenvolvidos.” (FANON, 2022, p.97) O ouro e as matérias primas dos países coloniais, na América Latina, na China, na África, são os únicos responsáveis pela riqueza e opulência da Europa hoje. Os antigos países colonizados se tornam países economicamente dependentes. Para Fanon, está claro que a teoria do desenvolvimento é uma balela, uma vez que países pobres do Terceiro Mundo tiveram sua autonomia de desenvolvimento interrompida no período da colonização e uma vez independentes continuam dependente de uma economia de mercado internacional, na qual só lhes é dado participar dentro dos limites estipulados pelas grandes potências capitalistas, isto é, como exportadores de matéria prima. A independência política não significou, portanto, independência econômica, uma vez que os países colonizadores determinam as regras das trocas comerciais, e visam o mercado consumidor do Terceiro Mundo para seus produtos industrializados. As propostas de ‘ajuda financeira’ aos chamados países subdesenvolvidos são uma forma ostensiva de oferecer caridade, quando na verdade a ajuda financeira deveria ser encarada como reparação por séculos de exploração e violência (FANON, 2022, p. 97).

O imperialismo norte-americano, substituto do colonialismo europeu, mantém a máxima exploração da mão de obra dos países periféricos, por isso “se as condições de trabalho não forem transformadas, serão necessários séculos para humanizar esse mundo tornado animal pelas forças imperialistas.” (FANON, 202, p. 96)

Hoje, nos grandes centros urbanos das megalópoles de países subdesenvolvidos, como o Brasil, assistimos a polícia e as forças de segurança exercerem o mesmo papel que exerciam na Argélia ocupada. Elas agem com violência e brutalidade quando se trata de um corpo periférico, negro, mestiço, morador de área de favela. Incontáveis são os massacres, cujos perpetradores, protegidos pela farda continuam impunes.

O pensamento de Frantz Fanon está comprometido com uma descolonização que passe por descolonizar o ser, o saber e o corpo como forma de libertação definitiva do imperialismo e da colonialidade.

Referências:

ARENDETT, Hannah. *On Violence*. Nova Iorque: Harcourt Brace Jovanovich, 1970.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, 2013.

DORLIN, Elsa. *Autodefesa, uma filosofia da violência*. Trad. Jamile P. Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, Crocodilo, 2020.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Ligia F. Ferreira e Regina S. Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. *Escritos Políticos*. São Paulo: Boitempo, 2021.

FAUSTINO, Deivison. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Escritos Políticos*. São Paulo: Boitempo, 2021.

FAUSTINO, Deivison. “*Por que Fanon, por que agora?*”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Ligia F. Ferreira e Regina S. Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Recebido em: 12/2022

Aprovado em: 12/2022